

. Todas as semanas, aproximadamente 12 milhões de cartas eram entregues aos soldados.

. Durante a I Guerra Mundial era comum os militares escreverem cartas e testamentos.

.*Em Portugal, as letras verdes impressas nos sobrescritos usados pelos soldados do CEP estabeleciam regras: “O remetente deverá assinar a declaração seguinte: ‘Certifico sob minha honra que o conteúdo deste sobrescrito não se refere senão a assuntos de família e particulares.’ (...)”*

. As cartas contam a guerra na primeira pessoa, com palavras ora animadas, ora tristes, ora patrióticas, ora sem esperança.

. Vou ler excertos de cartas de um soldado- telegrafista, português, João Francisco Rosa, que ficou para trás na batalha de La Lys, a 9 de abril de 1918

. As cartas eram dirigidas a Maria, sua noiva, às vezes com dois ou três dias de intervalo apenas. Com letra bem desenhada, em papel amarelecido, são centenas de páginas.

No início, contava coisas bonitas. Nem parecia que tinha ido para a guerra.

França, 3 de Junho de 1917

. *“ Minha querida, tenho a dizer-te que tive uma viagem muito linda, tanto por mar como por comboio. Escrevi-te um postal ilustrado quando marchei de Lisboa, peço que me desculpes por não escrever carta, não tive tempo para isso. Estou muitíssimo encantado com as terras de França, passei por cidades muito bonitas. Os campos estão tão bem preparados que se parecem com os jardins de Portugal. Até à data não tenho mal nenhum a dizer, somos muito bem tratados. As francesas e os franceses, quando o comboio [chegava], vinham-nos esperar à estação e davam pão, café e flores (...) peço-te que mandes esta direção à minha mãe porque aquela que lhe mandei não ia bem*

*(...) é a seguinte: João Francisco Rosa, soldado telegrafista n.º 431, Infantaria 15, CEP, França (...)*

França, 3 de Julho de 1917:

*“Não te descuides a escrever que a maior alegria de um soldado é receber a carta de uma namorada ou de uma mãe (...)*”

**França, 17 de Agosto de 1917:**

*“Maria escrevo-te esta carta não porque tenha de dar resposta a alguma das tuas, porque a última que recebi foi só há três dias, e logo te respondi a ela. Mas escrevo-te sim, porque o meu coração não me autoriza que eu esteja muito tempo sem te escrever (...)*”

E assim se aproximava o primeiro Natal longe de casa. As cartas dos dias e semanas seguintes deixavam transparecer um crescente cansaço.

**França, 24 de Dezembro de 1917:**

*“Estou há 7 meses em França e ainda não tive dia que tanto me lembrasse e que tanta paixão me desse como o dia e noite de amanhã. Um dia tão belo e tão santo, dia de grande festa, e ver-me assim tão longe de toda a família, e de ti que és a pessoa que neste momento mais adoro (...) é quase meia noite, estou a ir para a missa do galo celebrada pelos capelões portugueses que aqui se encontram (...)*”

**Depois de voltar a Portugal, João Rosa não gostava de falar da sua participação na I Guerra Mundial. O filho de João Rosa acredita que foi a circunstância do seu pai ser telegrafista que o salvou no fatídico dia da batalha de La Lys, na Flandres, uma vez que não ia na frente de combate.**